REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

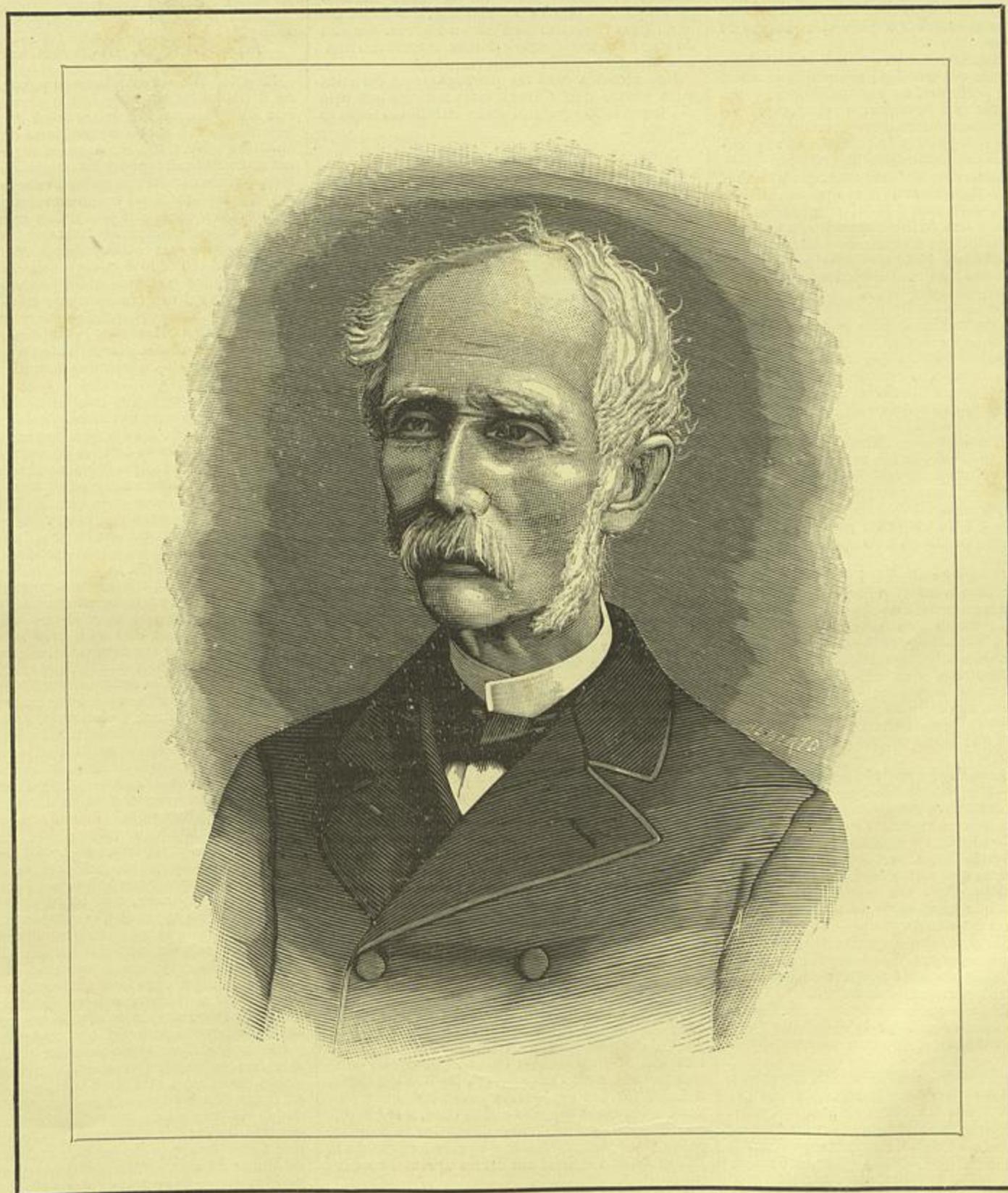
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 249

21 DE NOVEMBRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

ANSELMO JOSÉ BRAAMCAMP — FALLECIDO EM 13 DO CORRENTE (Segundo uma photographia de Peixoto & Irmão)

CHRONICA OCCIDENTAL

Começamos esta chronica por uma noticia triste. O sr. Campos Valdez, o illustre emprezario do Real Theatro de S. Carlos acaba de ser pungido pela dôr mais profunda, mais cruel que póde ferir um coração humano. Sua filha mais velha, a sr.ª D. Henriqueta Valdez, uma formosa e encantadora creança de 14 annos, foi-lhe roubada em breves dias por uma morte terrivel.

A doença começou por uma erysipela, aggravou-se rapidamente, a febre attingiu proporções assustadoras e no dia 18, ás 5 horas da manhã, a pobre creança expirava nos braços de seus extremosos paes, tendo sido baldados para a arrancar á morte todos os esforços da sciencia, todas as dedicações carinhosas da familia amantissima.

A morte d'essa infeliz creança produziu funda sensação em Lisboa.

O sr. Campos Valdez é um dos homens que mais sympathias tem entre nós. O seu caracter é de uma bondade tal, que occupando por muitos annos o logar de emprezario de S. Carlos — um logar magnifico para grangear antipathias e alienar amigos —Valdez é querido por todos e não tem senão esses inimigos necessarios, indispensaveis, para não se merecer a triste classificação de *homme sans ennemis*.

Depois, sua filha era uma creança encantadora, uma bondade de que irradiava sympathia como da rosa irradiam perfumes, e o seu desapparecimento do mundo onde mal começava a apparecer, contristou profundamente quantos a conheciam, de longe mesmo, sem terem tido occasião de se prender nas suas doces fascinações de creança.

A nós, que estavamos n'este caso, que a conheciamos apenas ligeiramente, que apenas duas ou tres vezes lhe tinhamos falado, preoccupou-nos enormemente a sua doença, commoveu-nos sinceramente o seu triste e rapido desenlace.

Comprehendemos bem que não pode haver palavras de consolação para essas dores colossaes: não as procuraremos sequer...

Dias antes de caminhar para o cemiterio esse pequeno caixão, que levava só comsigo o cadaver de uma pobre creança que nenhum papel representára no mundo, e a alegria de uma familia que fica para sempre com uma saudade negra a annuviar-lhe lugubremente a vida, descera á cova um morto illustre que deixa um grande vacuo na sociedade portugueza — o sr. Anselmo Braamcamp o chefe venerando do partido progressista.

O Occidente occupa se especialmente d'esse importante vulto da nossa politica e do nosso paiz, em artigo especial, onde as suas grandes qualidades de estadista e de chefe de partido são apreciadas por penna muito mais competente para isso do que a nossa.

Nós, completamente alheios á politica, nada temos que ver com o papel politico que Anselmo Braamcamp desempenhou na scena do nosso paiz.

Não vivemos muito com Anselmo Braamcamp, mas vivemos o bastante para lhe apreciarmos devidamente as suas altas qualidades de caracter, para sympathisarmos com a singeleza do seu modo de ser, como a bonhomia simples e sincera que tornavam o seu trato encantador.

Anselmo Braamcamp tinha uma grande qualidade adoravel, que falta a muitos grandes homens, a simplicidade.

Collocado na mais alta posição a que pode subir um politico — a presidente de conselho, Anselmo Braamcamp conservava integralmente, inalteravelmente, os seus habitos modestos e despretenciosos, a sua bondade suprema e profundamente sincera.

Era um inimigo implacavel e intransigente da *pose*, e ninguem, que o não conhecesse, seria capaz de adivinhar n'elle um ministro de estado, dada a noção que geralmente se tem dos ares e do feitio de um homem no poder.

E essa simplicidade não lhe vinha de um estudo meditado d'essa outra *pose* que é apparentar a ausencia d'ella, nem de uma trivialidade banal de educação, de temperamento, de habito.

Essa simplicidade vinha-lhe unica e exclusivamente da sua muita bondade, do excellente feitio do seu caracter despertencioso mas austero, digno e honrado.

Um homem de bem e um homem de coração é o epitaphio de Anselmo Braamcamp, epitaphio que lhe escreveram no campo todos os partidos, mesmo aquelles que mais ardentemente combatiam a politica que elle designava, epitaphio que, se é a maior homenagem conquistada por um homem que viveu obscuramente vida serena, modesta, despreoccupada, sem dar que falar de si, sem nunca estar em evidencia, é a suprema gloria, quando aquelle que a merece gastou a sua existencia nas luctas violentas da politica, á frente de um partido militante, nas eminencias ruidosas e tumultuosas da vida publica.

Anselmo Braamcamp faz uma grande falta ao seu partido, porque era um chefe illustradissimo, de são conselho e de grande auctoridade moral; faz grande falta ao seu paiz porque era um homem de bem, porque era uma capacidade illustre, porque era um leal servidor.

Paz á sua alma e honra á sua memoria.

Pela morte do sr. Anselmo Braamcamp o partido progressista é chamado a reunir-se para eleger o seu novo chefe. Essa eleição que deve realisar-se no dia 10 do proximo mez de dezembro, tem occupado todas as attenções dos jornaes politicos de Lisboa, e tem servido de assumpto para longos artigos.

Parece que ha dentro do partido progressista opiniões oppostas, predilecções differentes, acerca do novo chefe a eleger, e fala-se vagamente na creação d'um novo partido, caso não se consiga harmonisar as opiniões — o que não é facil — ácerca da chefatura dos progressistas.

Os nomes em que se fala mais para essa chefatura são o do sr. conselheiro José Luciano de Castro, o ministro do reino da ultima situação progressista, e illustre parlamentar, e o do sr. general João Chrisostomo d'Abreu e Sousa, ministro da guerra n'esse mesmo gabinete, engenheiro muito distincto e militar muito respeitado.

Não fazemos mais do que registar na chronica estes boatos que correm, estas noticias que pela sua importancia politica estão attrahindo todas as attenções.

No theatro de S. Carlos apresentou-se ao publico o barytono Mauricio Devriés, irmão da celebre cantora Fidés Devriés que tão grandes enthusiasmos provocou em S. Carlos na epoca passada, e cujo debute annunciámos no fim da nossa ultima chronica.

Mauricio Devriés sustenta brilhantemente como cantor e como artista os creditos illustres da sua familia. Filho d'uma cantora muito distincta, que ha vinte annos esteve em Lisboa, e cantou aqui esse mesmo *Guilherme Tell* em que elle agora se estreiou, irmão da famosa cantora Fidés, que é hoje uma das mais fulgurantes estrellas do mundo lyrico, Mauricio Devriés tem esse fogo sagrado da arte que nos Devriés parece herança de familia.

É um rapaz muito novo ainda, e essa sua mocidade vibra na sua voz fresca, ampla, bem timbrada, que lhe valeu logo nas primeiras notas do *Guilherme Tell* calorosa ovação.

Apesar de novo ainda no mundo e na arte, Mauricio Devriés é já um artista distincto, porque é um artista de raça.

A sua bella voz de barytono é bem trabalhada por um methodo correcto de canto, e artista da escola franceza, tem todas as grandes qualidades d'essa escola, a primeira hoje do mundo — um grande escrupulo minucioso na interpretação dramatica de todos os personagens.

Na interpretação do *Guilherme Tell* o distincto barytono revelou logo todos os seus bellos dotes de comediante, toda a sua perfeita consciencia artistica.

Guilherme Tell foi por elle estudado cuidadosamente nos mais ligeiros cambiantes do papel. Com uma seriedade de grande artista Mauricio Devriés não se afastou um só momento sequer do seu personagem dramatico e do seu personagem lyrico, não alterou em nada a partitura para a sacrificar aos applausos; adora muito mais a arte do que o *successo*.

Mauricio Devriés tem tanto a comprehensão da sua arte, é tão seriamente artista, que nada habituado aos usos peninsulares, a esses usos que nascem do nosso temperamento enthusiastico e expansivo, na primeira noite em que representou em S. Carlos não agradecia os applausos que lhe eram dados durante a representação dos actos do *Guilherme Tell*. Não era o artista que estava em scena, era o personagem, e esse não conhecia nem ouvia o publico.

A bella estreia de Devriés veio mostrar que a companhia de S. Carlos este anno é d'uma egualdade de bons artistas como raras vezes tem cá vindo: dois barytonos excellentes, o Cotogni e Devriés; dois excellentes baixos, Lorrain e Pinto; tres tenores muito apreciaveis, De Bassini, Guille e Jourdain; um explendido contralto, a sr.ª Novelli, e um meio soprano muito bom, a sr.ª Borlinetto; uma prima donna dramatica magnifica, como a sr.ª Borghi-Mamo, e apenas a prima-dona ligeira deixa a desejar em certas operas e em certos trechos.

O *D. João*, de Mozart, deve ter-se cantado já quando este numero do Occidente se publicar e a empreza tem já prompta para subir á scena a opera de Massenet *O Rei de Lahore* e ensaia uma opera classica que em Lisboa nunca se cantou, *O Casamento de Figaro*, de Mozart.

Entre o escrever esta chronica e o rever as suas provas, deu se em Lisboa uma importante noticia politica. O ministerio completou-se entrando para a pasta das obras publicas o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, e para a da justiça o sr. conselheiro Manuel d'Assumpção.

Thomaz Ribeiro é um dos nomes mais illustres de Portugal, e a sua entrada para o poder é sempre recebida com agrado pelo povo, que reconhece e admira todos os seus elevados dotes de espirito e brilhante talento.

Manuel d'Assumpção entra pela primeira vez nos conselhos da corôa; mas o seu nome é conhecido de ha muito por todos como o de um dos mais eloquentes oradores do nosso parlamento. Subida intelligencia, nobreza de caracter, profunda illustração, são as qualidades dominantes do novo ministro cuja ascenção ao poder saudamos sinceramente.

Gervasio Lobato.

ANSELMO BRAAMCAMP

Na galeria dos nossos homens publicos, a morte de Anselmo Braamcamp deixou aberto um logar, que difficilmente se prehencherá de novo. Não faltará quem o sobreleve em dotes oratorios, em audacias tribunicias, em prendas litterarias e até em arrojadas concepções de estadista reformador. Menos ainda escasseiará quem o exceda no manejo das intrigas habeis, no urdimento dos conluios astuciosos, no enredar d'essa trama complicada de ciladas e de embustes, que constitue o fundo lastimavel das nossas luctas politicas. Mas o que não apparecerá tão cedo é quem o eguale na rectidão dos propositos, na lealdade dos procedimentos, na inquebrantavel firmeza com que se mantinha no seu posto, fiel ás suas tradicções e crente nos seus principios, despresando os triumphos ephemeros, que se alcançam nas encrusilhadas, e aguardando, sereno e confiado, a victoria definitiva, a que se chega pelo caminho direito, pela estrada real da honra, do dever e da coherencia. Não foi um grande homem nem um homem habil: foi um homem de bem. Não foi um espirito privilegiado, que deslumbrasse com os clarões do seu talento, nem um intrigante feliz, que lograsse obter com enredos, o que não mereceria pelos seus dotes pessoaes. Foi uma coisa mais rara e mais difficil de que tudo isso: foi um *caracter*.

D'ahi o segredo da sua força e da sua auctoridade, porque a tinha e muito grande esse homem debil e modesto, d'ahi a explicação do exito completo que coroou a sua carreira publica. Em lucta e concorrencia com homens mais felizmente dotados do que elle para os combates politicos, venceu-os sempre por não os querer vencer, andou depressa por não ser apressado, alcançou o primeiro logar por não o ambicionar, ou antes por não empregar meios ardilosos para o obter. A sua palavra era tarda e hesitante, mas nunca esteve ao serviço senão da sua consciencia. O seu espirito não ia adiante dos acontecimentos e das idéas, mas comprehendia lucidamente o que se passava em torno d'elle, e recebia de bom grado todas as inspirações generosas, não se illudindo nunca com miragens enganadoras nem se desvairando com suggestões apaixonadas. Tinha fé nos principios e, como fizera toda a sua carreira pelo caminho direito, não só nutria uma invencivel repugnancia moral por tudo quanto era obliquo e tortuoso, mas sentia um profundo scepticismo sobre o exito de todas as manobras e de todos os expedientes, que deslisavam da severa correcção habitual dos seus actos. Na sua geometria politica nunca deixou de ser axioma fundamental, que a linha recta é o caminho mais curto entre os dois pontos. E como a sua crença honrada nunca o illudiu ou prejudicou, a marcha sempre ascencional, com que atravessou a vida publica, é um bello e consolador exemplo para todos os que principiam.

Era esta juventude immaculada da consciencia, este frescôr sempre vivo das convicções e dos ideaes generosos, esta crença nunca desmentida na força dos principios e na victoria da honestidade, que faziam d'aquelle velho venerando o chefe querido de muitos homens novos, o amigo mais que todos estimado de quantos tinham a fortuna de entrar na vida publica sob o seu commando. A politica é uma lucta a um tempo tão aspera e tão mesquinha, que depressa sécca e estiola todas as illusões e todas as ingenuidades. Corre alli como que um vento agreste, que não permitte vegeta-

ções delicadas. Os mais fortes, os que se não lançam na corrente deleteria, que passa ao lado d'elles, ou ficam desconfiados, duros, hostis, murmurando, pelos cantos, de tudo e de todos, ou se deixam invadir por um scepticismo enervante, por uma tolerancia exaggerada, em que vae muito de cumplicidade bonacheirona, que é um dos phenomenos mais vulgares do nosso meio social. Politico velho, em geral, ou é homem azedo, ou é homem sceptico. Ou vive a entoar jeremiadas sobre a desgraça dos tempos e a decadencia dos homens, ou sorri de tudo e de todos, encolhe os hombros desdenhosamente quando lhe falam de coisas sérias, e resume a sua philosophia em deixar *correr o marfim*, tratando de si e descrendo dos outros.

Anselmo Braamcamp não pertencia a nenhuma d'estas especies, e, ao cabo de mais de quarenta annos de vida publica, conservava ainda viçosas as suas aspirações juvenis, e no seu corpo alquebrado e doentio pulsava um coração enthusiasta e moço. Não julguem que o seu espirito penetrante e claro ignorava as miserias da politica ou desconhecia as fraquezas dos homens. Poucos como elle conheciam o seu *meio*, avaliavam com tão justo e são criterio os individuos, que o rodeiavam ou com quem se defrontava nas luctas de todos os dias. Mas este conhecimento pratico das coisas e dos homens não apagava na sua alma o culto fervoroso das idéas e dos principios, nem fazia esmorecer a sua intima confiança na superioridade da linha recta sobre as curvas mais ou menos habilidosas. Simplesmente o seu caracter catoniano era temperado por um genio conciliador e fleugmatico e por uma grande doçura e bondade de coração, que lhe fazia perdoar os defeitos alheios, sem os desconhecer e menos ainda os imitar. Poderiamos dizer que era um Catão do seu tempo, sem as rudezas brutaes do Catão censor, nem os desalentos dramaticos do Catão da Uttica, mas com o mesmo fundo moral de intemerata honradez.

Apesar de muito respeitado por todos, e de gosar merecidamente d'uma geral estima, poucos conheciam e apreciavam devidamente o homem, que se chamava Anselmo Braamcamp. A sua extraordinaria magreza, o seu aspecto externo, a fraqueza da sua voz e a dureza do seu ouvido, privando-o d'alguns recursos essenciaes para a lucta, davam-lhe o ar d'um velho cansado, sem energia de caracter nem virtudes de commando. Os inimigos accusavam-n'o de não ter opinião propria, os estranhos ás contendas politicas não comprehendiam como um grande partido entregára em mãos tão debeis o bastão do mando supremo. Era um engano. Bastava lidar com elle mais de perto para comprehender sem demora que a compleição physica não só não condizia mas até constrastava profundamente com o caracter moral de Anselmo Braamcamp. Sem intransigencias caturras, que nem esse vicio senil elle teve nunca, era resoluto nas suas opiniões, e sabia impol-as sem violencia mas com energia. As suas cartas politicas, escriptas com uma letra muito nitida e elegante, e n'um estylo singelo mas conciso e correcto, revelam a firmeza do seu pensamento e a decisão da sua vontade. Nas grandes crises partidarias nunca ficou na rectaguarda entre os timidos ou os hesitantes Na vanguarda é que todos o encontravam sempre, animando com o exemplo e esclarecendo com o seu conselho, e o seu voto era sempre pelas resoluções vigorosas, pelas attitudes accentuadamente definidas. A esta mascula energia de caracter e á coragem com que desejava assumir todas as responsabilidades da sua alta posição, e nunca a um prurido vaidoso ou a um capricho futil, se deve attribuir a ciosa auctoridade que exerceu até aos ultimos momentos da sua vida, não abandonando o seu posto de chefe supremo d'um grande partido, nem quando a doença e as fadigas mais justificaram qualquer desistencia ou retirada.

Ainda ultimamente, na sua visita ao Porto, deu elle a derradeira e decisiva prova da fortaleza do seu animo. Já combalido e minado pela enfermidade, que o prostrou, entendeu que devia ir alli iniciar um movimento de concentração, que attestasse a vitalidade do partido progressista e avigorasse a sua acção militante. Foi, e fez prodigios de energia e actividade, egualando, senão excedendo, o que poderia realisar o chefe mais robusto e valido. E de que respeito, de que affectuosa consideração elle se encontrou alli rodeiado! E que alegria verdadeira e intima se apoderou da sua bella alma, ao sentir-se no meio de tantas dedicações sinceras, recebendo a adhesão de tantos homens novos, que lhe mereciam evidente predilecção, como as idéas mais modernas e avançadas inspiravam particular sympathia ao seu espirito sempre progressivo. Apesar do cansaço de tantas festas e solemnidades, parecia que melhorava e revivia n'aquella athmosphera calorosa e sã, e na noite da grande reunião partidaria, levantando-se entre as acclamações da multidão enthusiasmada, a figura do velho chefe progressista, com um sorriso feliz a illuminar-lhe o pallido semblante, e declarando, com voz commovida, que aquella consagração recebida no Porto era o maior premio que alcançára na sua larga carreira publica, fazia lembrar esse outro velho glorioso, que é ainda hoje a maior força do partido liberal inglez, cujo nome é dos que mais orgulham uma grande nação, e cuja enorme popularidade é a justa recompensa do seu constante amor pelo povo. Anselmo Braamcamp tinha tambem uma grande paixão pelas classes populares, e os seus discursos do Porto, que podem considerar-se como um verdadeiro testamento politico, e cujos extractos publicados então pelos jornaes foram inteiramente escriptos pela sua propria mão, eloquentemente revelam estes seus sentimentos no insistente cuidado com que apostolisa o emprehendimento d uma sensata politica economica e a protecção e organisação do trabalho nacional.

Como homem particular era tudo quanto ha de mais attrahente e sympathico.

D'uma grande affectuosidade para a sua familia e para os seus amigos, tinha até para os indifferentes uma bonhomia captivante e uma affabilidade que não conhecia gerarchias e a todos irmanava.

Era muito illustrado, e, apesar da sua vida haver soffrido uma diversa orientação, interessava se muito pelas coisas litterarias, e tinha uma grande consideração pelos homens de letras. Viajára muito na sua mocidade e possuia a educação d'um verdadeiro *gentleman*. Anselmo Braamcamp reunia maneiras antigas ás idéas modernas, o que constitue na realidade a mais perfeita alliança, que se póde dar no homem de hoje. Era amavel sem ser mesureiro, attencioso sem descahir em humilde, d'uma polidez que nunca se desmentia mas tambem d'uma distincção que não se desmanchava nunca. Não é isto indifferente para um chefe do partido, nem foi esta uma das menores qualidades, porque não é das mais triviaes, que ornavam o fallecido estadista.

N'outra parte d'esta publicação, encontrarão os leitores a resenha dos serviços prestados por este homem notavel, dos altos cargos que elle desempenhou, das peripecias que accidentaram a sua larga carreira publica. Aqui buscámos apenas delinear rapidamente a sua phisionomia moral. Uma feição nos falta ainda accentuar, que não é das menos caracteristicas: a desaffectada mas excessiva modestia, com que se avaliava a si proprio, e a que correspondia a sinceridade com que prestava aos meritos alheios uma homenagem despida de reservas e absolutamente isempta de despeitos. Nem um grãosinho de inveja havia no fundo do seu caracter. Ao contrario, gostava de chamar a si os homens de talento, e prodigalisava-lhes as demonstrações do seu apreço. Era sobretudo d'uma grande, d'uma paternal benevolencia para todos os que principiavam. E por isso ninguem entrou na vida publica, debaixo das ordens d'Anselmo Braamcamp, que não conserve do seu velho e querido chefe a mais enternecida e grata recordação.

Carlos Lobo d'Avila.

ANSELMO JOSÉ BRAAMCAMP

(NOTAS BIOGRAPHICAS)

Anselmo José Braamcamp nasceu em Lisboa a 23 de outubro de 1818, filho de Anselmo José Braamcamp de Almeida Castello Branco.

Seu avô, hollandez de origem, veiu para Portugal na qualidade de embaixador da Prussia, e tanto se agradou do paiz que n'elle se estabeleceu, recebendo honras do governo portuguez, que o distinguiu com o titulo de barão de Sobral.

O pae de Anselmo Braamcamp fez parte do governo da regencia decretada pelas cortes constituintes de 1821, na qualidade de ministro dos negocios estrangeiros, e, quando o governo absoluto de D. Miguel levantou em Portugal a lucta contra os liberaes, teve de emigrar para França com a familia, onde iam tambem seus filhos.

Foi, portanto, em França que Anselmo Braamcamp recebeu a primeira educação, e quando em 1835 regressou á patria proseguiu nos seus estudos na universidade de Coimbra, onde recebeu o grau de bacharel em direito em 1840.

Publicava-se por esse tempo em Coimbra um periodico intitulado *Chronica litteraria da nova academia dramatica*, e n'elle escreveu Braamcamp alguns artigos de critica dramatica, artigos muito conceituosos, escriptos com uma grande correcção e elegancia, que revelavam dotes litterarios de alta valia.

A politica, porem, desviou Braamcamp da carreira das lettras, e, logo que concluiu os seus estudos na universidade, foi-lhe commettido o cargo de delegado do procurador regio em Almada, cargo que exerceu até 1845, sendo depois transferido para Lisboa, onde em 2 de setembro de 1846 passou a exercer o logar de secretario geral do districto.

O golpe de estado de 6 de outubro de 1846, que provocou a revolução do Porto, fez com que Braamcamp abandonasse o seu emprego e passasse para a junta do Porto, onde, para assim dizer, entrou na vida activa da politica.

A parte que tomou n'aquella revolução foi a mais honrosa, não poupando os seus haveres nem a sua vida para defender a liberdade ameaçada. Do Porto voltou com Sá da Bandeira, que veiu desembarcar no Algarve, onde Braamcamp ia desempenhar a importante commissão de governador civil.

Terminadas estas luctas da familia portugueza com a entrada triumphal em Lisboa do marechal Saldanha, foi Braamcamp eleito deputado ás cortes de 1851 por um dos circulos de Lisboa.

Essas cortes foram dissolvidas em 24 de junho de 1852. Braamcamp tornou a ser eleito em 1857, e desde então até 1864 nunca deixou a cadeira de deputado, apesar das cortes terem sido dissolvidas por varias vezes

Em 1865 foi eleito deputado pela Feira, e quando as cortes foram dissolvidas em 15 de maio d'esse anno, tornou a ser eleito pelo circulo de Vellas para as cortes que principiaram em 30 de julho do mesmo anno e foram dissolvidas em 14 de janeiro de 1868.

Em 1869 tornou a ser eleito pela Feira e por S. João da Pesqueira, eleição que se repetiu pela Feira no anno seguinte por dissolução das cortes.

Foi successivamente eleito deputado nas legislaturas de 1871 a 1874, por Oliveira de Azemeis; 1875 a 1878, por Villa Nova de Gaya; 1879, pela Gollegã, em duas eleições, sendo na segunda eleito tambem por Ponta Delgada para a legislatura que terminou por dissolucção, em 4 de junho de 1881.

Em 1884 foi eleito por accumulação, sendo o mais votado.

Durante o periodo que fica descripto foi por vezes chamado aos conselhos da coroa, sendo a primeira em 21 de fevereiro de 1862, para ministro do reino, cargo que desempenhou até 16 de janeiro de 1864. Em 1866 foi ministro da fazenda, no ministerio que caiu pela revolta do marechal Saldanha, em 1869.

Quando os partidos historico e reformista se fundiram no partido progressista, foi Anselmo Braamcamp eleito chefe d'este partido.

N'essa qualidade foi chamado por el-rei para formar gabinete, em 30 de maio de 1879, pela saida do ministerio regenerador. Braamcamp tomou então a presidencia do conselho e a pasta dos negocios extrangeiros.

Foi nomeado conselheiro de estado em 1866, e vogal do Supremo Tribunal administrativo em 1870. Em 1874 foi nomeado par do reino, nomeação que resignou.

Tinha a grã-cruz da Torre Espada e outras condecorações, tanto nacionaes como extrangeiras.

Falleceu na madrugada de 13 do corrente, na sua casa em Lisboa, no Pateo do Tijolo. O seu funeral realisou-se no dia seguinte ás 11 horas da manhã, sendo acompanhado ao Cemiterio Occidental por grande numero de amigos politicos e pessoaes, de todos os partidos.

A honradez inexcedivel do seu caracter e a lhaneza do seu tracto permittiram-lhe a grande homenagem que o acompanhou ao tumulo e o sentimento que pela sua morte se manifestou em todo o paiz.

R.

TRES DIAS EM THOMAR

(Continuado do n.º 247)

III

A gravura que o OCCIDENTE publica hoje é outra paizagem do Nabão.

A photographia é um pouco antiga, e hoje o rio Nabão já não tem essa ponte excessivamente primitiva, que na gravura se vê.

Verdade seja que a ponte que a substituiu não é lá das mais modernas, e está muito longe de ser a ultima palavra dita pelas pontes e pela engenheria em Portugal.

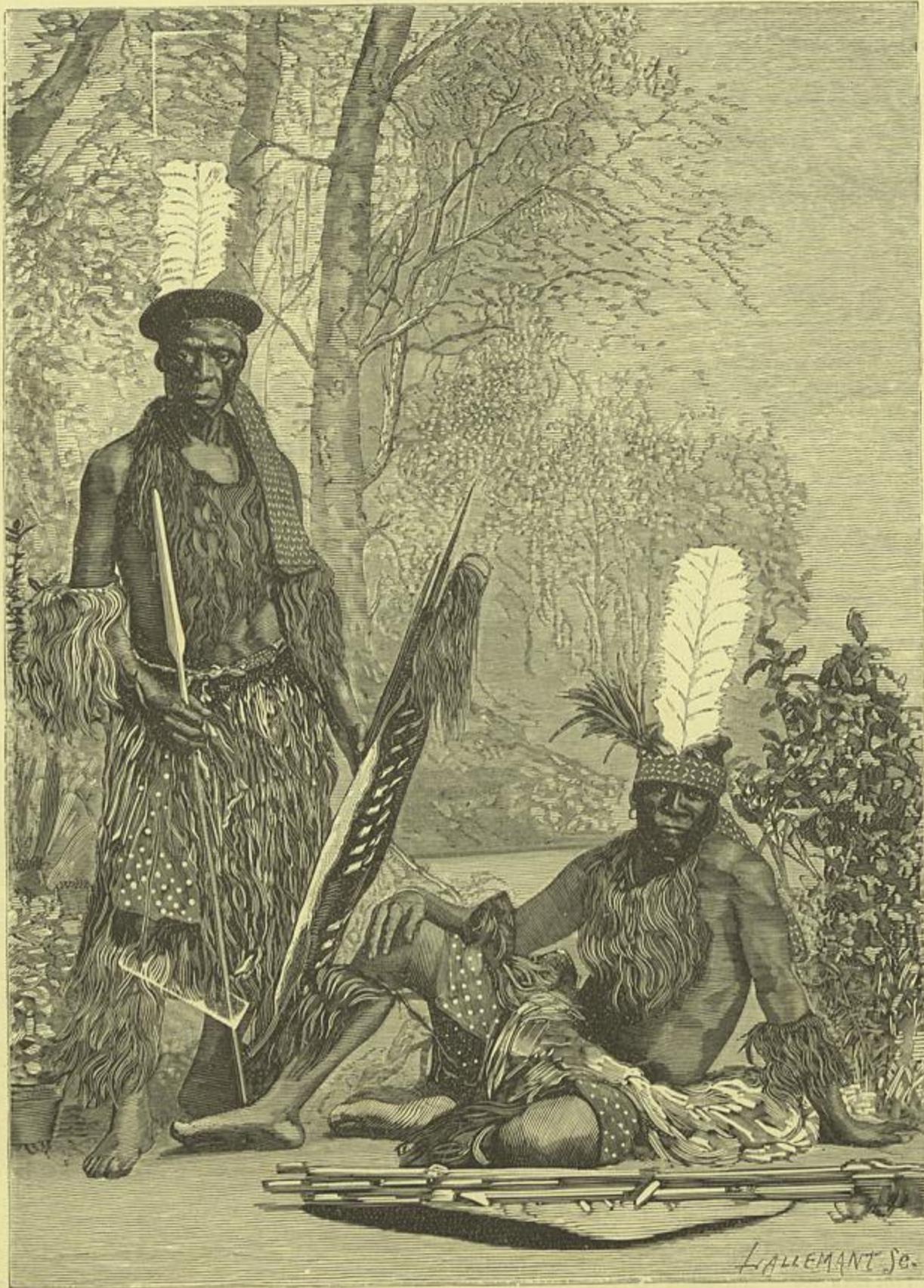
A nossa gravura representa o rio Nabão no sitio chamado *A varzea pequena.*

Essa *Varzea pequena* é o passeio favorito da pouca divertida população de Thomar.

Em Thomar ha dois passeios, que são as duas *Varzeas*, a pequena e a grande, nos dois extremos da cidade.

A *Varzea grande* é muito mais pittoresca e muito mais ampla: é um bello e grande pedaço de campo, de verdadeiro campo encantador para nós todos que estamos habituados á vida permanente nas capitaes.

O thomarense, porem, prefere-lhe a *Varzea pequena*, que se parece muito mais com um jardimzinho de pequena cidade, e é na *Varzea pequena* que ordinariamente passeia a população de Thomar que sae á rua, e que nos domingos e dias santos toca a musica regimental.

Esta predilecção pela *Varzea pequena* suggeriu ao sr. Prista (que decididamente é uma das personalidades mais salientes de Thomar) a idea de estabelecer uns *Recreios* n'uns terrenos que tem arrendados na outra margem do Nabão, exactamente defronte da *Varzea pequena*.

Teve a idea e realisou-a n'um momento, como homem emprehendedor e pratico que é.

Havia, porem, uma difficuldade a vencer: transportar o publico do lado de cá, do jardim da *Varzea*, para os *Recreios*, do outro lado do Nabão.

A ponte que então existia, e que a nossa gravura representa, era extremamente primitiva, e seria excessivamente perigosa para a passagem do publico.

O Prista transformou-a, pois, n'uma ponte de madeira muito mais transitavel, com um corrimão tambem de madeira, a qual, se não realisava o ideal de elegancia em pontes, dava comtudo umas certas garantias de segurança aos transeuntes.

A ponte fez-se, fizeram-se os *Recreios* com jogos, arlequins e theatrinhos-barracas,— mas Thomar não deu publico para isso, os *Recreios* fecharam, e só a ponte ficou, ainda que, cremos, não por muito tempo, porque a velhice começa a entrar com ella.

E tem entrado já tanto, que as tabuas que lhe servem de chão oscillam já como o demonio, e nós, quando por ella passavamos, iamos sempre com o Credo na bocca e os olhos no rio, a quem esperavamos a todo o instante ter o molhado prazer de fazer uma involuntaria visita.

Os enviados do Regulo Gungunhana (Segundo uma photographia de Fillon)

E atravessámos bastantes vezes essa ponte, e seja dito em sua honra que só tivemos o medo e jamais o banho.

Almoçámos tres vezes nos fallecidos *Recreios* do Prista, que no fim de contas estão muito mais pittorescos e recreativos agora do que, com certeza, quando eram *Recreios*.

Não se pode imaginar nada mais encantador que um almoço n'essas margens soberbas e poeticas do Nabão.

O Prista obsequiou-nos tanto quanto na sua mão estava, é verdade; o seu cosinheiro praticou maravilhas culinarias para um cosinheiro de Thomar n'esses almoços; mas o elles saberem-nos deliciosamente, melhor, mil vezes melhor do que todos os almoços que temos comido na nossa vida, foi devido com certeza muito menos ao cosinheiro do sr. Prista do que ao encanto maravilhoso do sitio onde improvisámos a nossa meza de almoçar.

E depois, n'essa paisagem encantadora não faltava nenhum dos matadores da poesia bucolica: umas margens um pouco selvagens; vegetação enorme, crescida ao acaso, sem o amaneirado da sciencia de jardineiro; o rio, deslisando mansamente a nossos pés; alem, uma azenha movendo-se ao sabor da agua; alli, uns rapazes tomando banho sem banheiro, sem barraca e sem camisola; acolá, umas lavadeiras lavando no rio...

Um encanto, perfeitamente um encanto, tudo isto, alli, acolá, alem, e aqui, sobre a meza, umas bellas perdizes de molho de villão, uma explendida salada de lagosta, e o vinho de Thomar, um vinho magnifico de que gostámos muito mais, muitissimo mais do que do convento de Christo.

Que o sr. Possidonio Narciso da Silva nos perdoe, e que esse vinho nunca nos falte!

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

José Casaleiro da Alegria Rodrigues (Segundo uma photographia de Fillon)
Vid. artigo "Os enviados do regulo Gungunhana,,

AS NOSSAS GRAVURAS

OS ENVIADOS DO REGULO GUNGUNHANA

No mez de setembro ultimo, chegou a Lisboa o sr. José Casaleiro da Alegria Rodrigues, acompanhado por dois enviados do regulo Gungunhana, para apresentarem os seus respeitos ao rei de Portugal, e assistirem á formação do tratado de vassallagem do mesmo regulo á corôa portugueza, para o que vinha o sr. Casaleiro revestido dos competentes poderes.

O tratado foi assignado no dia 19 do corrente, representando por parte do governo portuguez o sr. conselheiro Agostinho Coelho e por parte do regulo Gungunhana o sr. José Casaleiro da Alegria Rodrigues.

N'esse tratado é concedido aos portuguezes o poderem estabelecer-se nos dominios do regulo Gungunhana, abrir relações entre aquelle potentado e a nossa provincia de Moçambique, permittindo o alargamento do commercio e todas as mais vantagens inherentes.

O actual regulo Gungunhana é

THOMAR — Uma paisagem do Nabão, 2.ª vista (Segundo uma photographia de A. S. Magalhães, **Vid. artigo "Tres dias em Thomar,,**

filho do potentado Muzila, que falleceu ha cerca de um anno.

Este regulo chamava-se antes Medungaz e pela morte do pae subiu ao poder com o nome de Gungunhana.

Era pretendente ao governo o irmão de Gungunhana chamado Mafamana, que se julgava com direito ao poder, por sua mãe ter sido a mulher mais antiga de seu pae Muzila, mas o actual regulo não só era o mais velho, e portanto o verdadeiro successor, como tinha sido nomeado pelo pae para lhe succeder no governo.

Gungunhana para evitar uma guerra de exterminio, como foi a do Mawena com o Muzila, mandou matar o irmão ficando assim o paiz em socego.

Este potentado é o mais forte da Africa oriental, não só pela sua grande extensão de territorio, como pela muita gente e regulos que lhe são tributarios.

A sua soberania confina ao sul com o districto de Lourenço Marques e Transwaal e ao norte com os dominios portuguezes da Zambezia, para oeste com os Matavellas ou Muzericaze, a leste com o districto de Quilimane, Sofala e Inhambane.

O regulo Gungunhana exerce a sua auctoridade sobre mais de 200 regulos de diversas raças e importancia. Habita nas terras de Gaze proximo ás margens do rio Mussurize. O seu territorio é cortado por tres grandes rios, Benbe ao sul, o Save que entra no mar proximo a Chiloanne e o Buze na bahia de Massanzane no districto de Sofala e que o divide do de Quilimane.

Além d'estes rios principaes ha muitos outros de menor importancia que são affluentes d'aquelles.

Pela morte de Muzila ficou Gungunhana embaraçado, não só com as tentativas da Inglaterra para o fazer seu subdito, mas tambem pelo exemplo que viu com a Zululandia e as pretenções dos Boers, em lhe quererem invadir os territorios do seu governo.

Sabendo Gungunhana que o sr. José Casaleiro da Alegria Rodrigues, se achava em Chiloanne, em serviço do governo portuguez, e em vista das relações de amizade que havia entre este cavalheiro e a tribu de Muzila, pediu-lhe uma entrevista.

O sr. Casaleiro conhecedor das difficuldades em que se via o dito regulo, e as vantagens que se podiam colher de uma politica bem dirigida por parte do nosso governo, a fim de tornar effectivo o tratado de vassalagem celebrado com o governo portuguez em 2 de dezembro de 1861, em Lourenço Marques, o qual se firmava em condições pouco claras, propoz ao governador geral de Moçambique o sr. conselheiro Agostinho Coelho, para que lhe desse instrucções e auctorisação para poder tratar com o regulo Gungunhana, ao que promptamente se prestou o governador, facilitando o necessario para levar a cabo esta commissão.

Gastou o sr. Casaleiro cinco mezes n'este serviço, ao fim dos quaes se apresentou ao actual governador geral de Moçambique, o sr. conselheiro Augusto de Castilho, declarando-lhe as bases do novo tratado de vassalagem e o modo de o realisar.

Acompanhavam o sr. Casaleiro os dois enviados a que já nos referimos, os quaes vinham não só apresentarem os seus respeitos ao rei de Portugal, como declararem em nome do seu regulo que, o sr. Casaleiro estava legalmente auctorisado a fazer um novo tratado de vassalagem perante o governo de S. M. F., pela maxima confiança que depositava no sr. Casaleiro.

Os emissarios do regulo chamam-se, o mais velho, Matanda-Encosse e tem 60 annos pouco mais ou menos, o mais novo que terá entre 40 a 48 annos chama se Mapinda; este vive na propria povoação do regulo e é pessoa de sua confiança, e o primeiro foi escolhido, por saber bem o portuguez e ter sido criado com o europeu Alexandre José Marques que foi capitão-mór das terras de Sofala, e falleceu n'um dos ataques dos Landins áquellas terras, em 1842 ou 1843.

O sr. José Casaleiro da Alegria Rodrigues, tendo sido militar no exercito do reino, foi em 1857 servir no estado da India, voltando á patria em 1865. Para garantir o seu futuro, foi promovido a alferes para servir em commissão na provincia de Moçambique, e alli se conservou até 1875 em que pediu a sua demissão, que obteve em setembro do dito anno.

Dedicou-se então ao commercio estabelecendo-se em Sofala, onde antes tinha sido commandante militar. Foi n'esta terra que o sr. Casaleiro travou relações com o potentado Muzila e sua familia.

Mais tarde conhecendo a sua incompetencia para o commercio por ter perdido trinta e tres contos de réis sem esperanças de os haver, regressou á Europa pedindo ao governo um emprego. Foi nomeado então director da alfandega de Angoche, em 1880, logar que não chegou a occupar, não só por se ter extinguido essa alfandega, como por ter sido empregado em diversas commissões de serviço, na provincia de Moçambique.

Não foi sem grandes difficuldades e até desgostos, que o sr. Casaleiro conseguiu levar a bom fim a sua importante commissão, difficuldades sugeridas pela desconfiança, que é o caracteristico da raça negra, e desgostos promovidos por mal cabidas deliberações do conselho governativo da provincia, na ausencia do governador geral.

Tanto mais tem de se louvar o sr. Casaleiro pelo bom resultado da sua commissão, tendo conseguido para Portugal a vassalagem firmada em bases solidas, do potentado mais importante d'aquella parte da Africa, e com que a provincia de Moçambique muito poderá vir a lucrar.

ANTIGUIDADES DO ALGARVE

Mosaicos de Ossonoba

Nos n.os 95 e 96 do nosso 4.º volume e 138 do 5.º demos a descripção das notaveis antiguidades do Algarve, descobertas, exploradas e desenhadas pelo sr. Estacio da Veiga, de cujos apontamentos, que cavalheiramente nos facultou, nos servimos para as podermos descrever. E em quanto o benemerito e assiduo explorador vae continuando os seus importantes trabalhos, e em quanto o publico aguarda com empenho a publicação dos seus estudos, vamos nós continuando a apresentar-lhe aquelles que mais interessantes nos pareceram.

O pequeno meio disco que hoje apresentamos, é evidentemente um fundo de piscina, e pertence á mesma a que pertence o fragmento publicado a pag. 240 do nosso referido 5.º volume, se não nos enganamos nos apontamentos tomados ha tres annos. O mosaico é finissimo e delicadissimo e pode-se ver em um grande quadro depositado no *Museu do Algarve*, ou onde quer que hoje pára, porque ouvimos dizer que aquelle museu, organisado tão sabiamente, que mereceu as mais honrosas menções de muitos sabios extrangeiros, foi dispersado.

O mosaico representa alguns peixes, o que, além de indicar o destino para que servia aquella parte do monumento, póde tambem confirmar que elle já pertença a era christã, sabendo-se que o peixe foi uma das primeiras representações symbolicas do christianismo.

O fragmento é bello e interessante.

OS MOTINS POPULARES DO PORTO

(23 DE FEVEREIRO DE 1757)

Por motivos, e fundando-se em razões que não veem a proposito recordar n'esta occasião, foi creada por alvará de 10 de setembro de 1756 a *Companhia geral da agricultura dos vinhos do alto Douro*, que Sebastião José de Carvalho pôz debaixo da sua immediata protecção, concedendo-lhe innumeraveis privilegios, e não se livrando da fama de ser, por portas travessas, meeiro nos lucros da sua afilhada de baptismo, por uns processos que elle lá sabia, e em que ninguem então se atrevia a boquejar.

Do terramoto de 1755 tirára o sagaz e despotico estadista alentos para toda a qualidade de ousadias, despresando o povo, que invariavelmente qualificava de plebe; arcando com a fidalguia de sangue; servindo-se dos burguezes como de instrumentos para os seus planos de engrandecimento

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 248)

XI

Desforra de usurario

O capellão julgou dever respeitar os escrupulos do *Frade* e partiu no dia seguinte para o Casal do Bravo, a fim de ver Ondina e tratar de a trazer comsigo.

Encontrou-a, porém, em estado que, além de lhe inspirar a mais viva compaixão, o impedia de realisar o seu desejo, pois que os medicos sustentavam que era impossivel sujeitar a doente a uma viagem de algumas horas, na situação melindrosa em que estava.

Voltou impressionado, e mais ainda pelo que lhe disseram no casal a respeito da visita do amante da cigana, da sua desapparição e do facto d'ella, nos accessos da febre, estar a chamal-o sempre, como se fôra a lembrança d'aquelle scelerado o seu pensamento dominante, toda a sua idéa.

—Talvez que, disse-lhe o espertalhão, apresentando-lhe o dinheiro consigamos fazer-lhe esquecer um pouco o amante. Estas mulheres são ambiciosas e tudo sacrificam ao interesse.

Era bom tentar, era, concordava o capellão, mas tambem era grave, era serio, desembolsar tal quantia pela segunda vez.

E tudo era vêr se achava outro abutre, quando não mais acceitavel, pelo menos mais economico.

— N'esse caso previna-se, dizia-lhe o *Frade*, olhe que onde a pêga faz o ninho ahi vae ter os filhos. O cigano que não apparece, é que está prevenido já de que o procurámos e tem premeditada alguma cousa para mallograr os nossos planos.

— Sim, dizia o capellão convencido por este vigor da logica. Que quer que faça?

— Segure-se com a cigana, olhe que n'um bello dia póde precisar dos serviços d'ella e não a encontrará.

N'esta conjunctura, n'este apuro, resolveram escrever no dia seguinte ao guardião, pedindo o dinheiro de que o frade carecia. Pela sua parte o capellão não duvidava abonar esse pedido, por saber da urgencia com que era feito.

Mas, como a fortuna o estivesse favorecendo, chegou n'essa mesma occasião um correio de Lisboa e trouxe carta de Setubal em que o guardião mandava as cincoenta moedas, importancia do deposito do pobre frei José de Santa Maria, já na terra da verdade ha mais de uma semana.

Animado por este resultado, o capellão teve um momento de liberalidade e de grande arrojo.

— Faça o pedido do dinheiro que precisar e deixe-me a carta n'esse sentido que eu lhe adianto essa quantia.

Tinham chegado ao ponto delicado.

O *Frade* escreveu immediatamente, assignou, entregou a carta ao capellão, recebeu d'elle quantia igual á que primeiro lhe havia sido dada, e despediu-se, promettendo em breve dar noticias de si.

Ao vêr-se de novo na posse d'aquellas peças de ouro, d'aquelle dinheiro que tanto o impressionára, quando pela primeira vez o viu junto na sua mão, elle teve um unico pensamento — Ondina.

Do sitio em que se encontrava, ao Casal do Bravo, era distancia para vencer-se regularmente em jornada de doze horas. Elle ganhou-a em metade d'esse tempo.

Quando chegou era noite, altas horas.

O casal ficava-lhe em frente, ao sopé da montanha. Do lado opposto, rodeando um pouco para a esquerda, havia um barranco inaccessivel, que parecia a guela de um monstro, formada de grossas penedias.

Foi justamente para esse lado que elle se dirigiu.

Quando estavam já ao alcance do seu braço os enormes cachopos da rocha, soltou um assobio agudo e logo appareceu na sua frente um vulto sinistro, armado até aos dentes, que lhe perguntou com voz cava e agreste:

— És tu?

— Sou. Não tenhas receio.

Era o *Trovão*. Conhecia-se bem pela voz.

Os dois homens approximaram-se depois, trocando um olhar de satisfação.

— E d'ahi?

— Tudo arranjado, respondeu o *Frade*.

— Tu és o diabo, homem, anda commigo.

E deu-lhe a mão para o guiar pela escarpa reluzente dos rochedos, por uns carreiros tortuosos e impossiveis, por um caminho de cabras, em que a cada passo se encontrava a morte, no fundo do abysmo, representando aos olhos do temerario, que o affrontasse, por aquella garganta medonha do inaccessivel barranco.

— Não subo, disse o *Frade*. Conversemos antes um pouco. Antes de tudo preciso saber noticias de Ondina. Cumpriste durante a minha ausencia as instrucções que te deixei?

O *Trovão* fez um gesto affirmativo.

— E como vae ella? perguntou o *Frade*.

— Perdida de todo!

— Conheceu-te?

— Felizmente não. Conforme as tuas instrucções pernoitei no casal, sob o disfarce de um pobre mendigo que pedia hospitalidade por uma

pessoal, salvo o direito de os anniquilar, se por ventura algum d'elles ousava contrariar os nem sempre justos alvitres do omnipotente ministro.

Temido dos tres estados da nação, se é que tambem o não era do «seu real amo e senhor», para Sebastião José de Carvalho não havia impossiveis. A força servia-lhe, senão como o mais convincente, pelo menos como o mais sem replica de todos os argumentos.

Que isto assim era, vamos proval-o, seguindo escrupulosamente a correspondencia official do ministro de el-rei D. José com o ferino desembargador do paço João Pacheco Pereira de Vasconcellos, desde o dia 28 de fevereiro de 1757, até o dia 14 de outubro do mesmo anno, em que se *poz fim á tragedia*, assim qualificada pelo proprio marquez de Pombal, e que elle já em officio de 25 de maio desejava ver desenlaçada *com toda a brevidade.*

A corrrespondencia que vamos extractar antecede a sentença da alçada de 14 de outubro contra os suppostos, ou verdadeiros reos da assuada popular, que teve logar na cidade do Porto no dia 23 de fevereiro de 1757, durando portanto approximadamente oito intermінaveis mezes de lagrimas, de miseria e de terror para os habitantes da segunda cidade do reino, entregues aos despoticos plenos-poderes do referido desembargador João Pereira de Vasconcellos, coadjuvado militarmente por João de Almada de Mello, coronel do regimento do Porto, servindo o cargo do governador das armas da mesma cidade, e seu partido.

O livro, encadernado em pergaminho, e que serviu de copiador aos papeis officiaes trocados entre o marquez de Pombal e o desembargador Pereira de Vasconcellos, está escripto com incerta e incorrecta orthographia, e intitula-se: *Registo geral de todas as ordens e providencias que Sua Magestade foi servido decretar para a reparação do escandalo que causou o tumulto que se declarou na cidade do Porto no dia 23 de fevereiro d'este presente anno de 1757.*

O livro consta de 100 paginas, com numeração intercalada, e foi copiado por mais de um amanuense, não primando nenhum d'elles pelo aceiado da calligraphia, naturalmente para não despertar a inveja do marquez de Pombal, que tambem escrevia como Deus era servido.

Se nos fosse permittindo adulterar o titulo do cartapacio que temos deante de nós, pol-o-hiamos mais conforme com a verdade pelo seguinte modo: *Registo de todas as iniquidades que Sua Magestade foi servido decretar para cobrir de lucto a cidade do Porto, desde o dia 23 de fevereiro de 1757, até ao nefasto dia 14 de outubro do mesmo anno.*

Precisamos observar de passagem que isto a que hoje burocraticamente se chama officios, tomava o modesto titulo de cartas no ominoso periodo historico de que nos vamos occupar, naturalmente para o marquez de Pombal poder familiarmente participar ao seu amigo o desembargador João Pacheco Pereira de Vasconcellos: «que Sua Ma-«gestade se sangrára por mera prevenção, sem ou-«tro motivo que o de lhe considerarem os medi-«cos alguma grossura de sangue, achando-se porem «perfeitamente restabelecido d'aquelle remedio «preventivo, pelo meio do qual esperamos que a «sua preciosissima saude se preserve por dilatados «annos.» Esta bajulação vem no mesmo papel, que tem a data de 25 de maio e em que o marquez de Pombal pondera que: «tendo crescido os presos «até o grande numero de trezentos e cincoenta, «se faz ainda mais indispensavel a necessidade em «os sentencear!»

É depois d'esta suavissima recommendação que o ministro fala da sangria de Sua Magestade, que, no dizer dos medicos, tinha o *sangue grosso!*

Não é sem grande repugnancia que hoje, que todos são considerados eguaes perante a lei, e teem os seus direitos de cidadãos garantidos, que se correm com os olhos as paginas lugubres do livro actualmente archivado na bibliotheca do ministerio das obras publicas, como complemento de outros que resam de negocios da poderosa *Companhia da agricultura dos vinhos do alto Douro.*

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

RESENHA NOTICIOSA

CONCHITA INEVA. O governador de Saragoza, diz um periodico hespanhol, pediu a concessão da medalha de beneficencia hespanhola, para uma creança de doze annos. A historia d'esta creança é uma perfeita epopéa merecedora de mais alguma coisa do que uns centimetros de fita. Conceição ou Conchita Ineva é filha da professora da escola de Valpalmas, aldeia de 450 habitantes, no districto d'Egea de los Caballeros, na provincia de Saragoza. Habitava com seus parentes o edificio da escola, onde tambem residia o professor com seus dois filhos. Atacados estes tres pelo cholera, e abandonados por toda a gente, Concha tratou-os com a maior dedicação, tendo ainda que ajudar o medico e o cura a transportar os seus cadaveres. Foram então, ou tinham sido já invadidos pelo terrivel mal seu pae e mãe, que morreram em dois dias, nas mesmas condições de abandono geral, e de dedicação da pequena filha. Ficou esta então só com a avó, enferma, e tres irmãos de 9, 6 e 3 annos, e uma irmã de quatro mezes. O alcaide (administrador) decretou logo a evacuação da casa da escola, e esta desgraçada familia foi desterrada para uma especie de granja a alguns kilometros da aldeia, sem outro soccorro mais do que alguns pedaços de pão que o alcaide fazia depositar a grande distancia da granja. Em breve a pequenita de quatro mezes, e o irmãosito de seis annos falleceram tambem do cholera, e a animosa Conchita teve ainda que transportar os seus cadaveres. Atacado em seguida pelo mal o irmão mais velho, deveu ainda este a sua salvação á valorosa e dedicada Conchita, que com a maior abnegação o cobriu com o seu corpo para o aquecer. Sobreviveram a esta horrorosa catastrophe a avó, os dois pequenos de 9 e 3 annos e a heroica Conchita. Accrescenta o periodico alludido, que não sabe o que se deve mais admirar n'este facto, se o valor sobrehumano da joven hespanhola, se a cobardia dos habitantes e auctoridades d'aquella aldeia, e accrescenta que viu os resultados a que conduzem as falsas theorias, propagadas ácerca do contagio do cholera, por alguns falsos sabios, que a republica franceza tem honrado. É digna de uma grande recompensa a joven hespanhola, e todos os governos devem favorecer com meios e educação, quem em tão verdes annos dá provas de tal força de caracter.

PLACA COMMEMORATIVA. Vae ser ou foi já collocada na cidade de Ponta Delgada, na antiga rua do Lameiro, hoje do Visconde de Castilho, uma placa commemorativa da sua residencia, na casa que elle habitou.

MORALIDADE INGLEZA. Um tal Malcolm, casado, fingindo-se solteiro, e usando do nome supposto de capitão Maldonato, teve artes de illudir uma galante miss com a qual casou, a contento da familia. Depois de se deliciar passando quatro dias e quatro noites com ella, abandonou-a, indo de novo juntar se á sua primeira mulher. Esta infamia foi trazida aos tribunaes. No dia do julgamento encheu-se a sala. Acabados os debates, o juiz, na conformidade da lei, fez uma admoestação ao accusado estigmatisando-lhe o seu infame procedimento, e publicou a sentensa, que o condemnava em sete annos de trabalhos forçados. A admoestação e sentença foram recebidas com signaes de desagrado pelo auditorio!

ARMAMENTOS HESPANHOES. Para a construcção de quatro torpedeiros, ao inverso dos usos do nosso governo, abriu o hespanhol concurso publico. Realisou-se este no dia 5 de outubro e para que se não julgue que ha pouco quem se apresente a estes concursos, foram nem menos de quatorze os concorrentes; são estes: *Société des forges et chantiers de la Mediterrané; Société des ateliers et chantiers de la Gironde; Société des ateliers et chantiers de la Loire;* os srs. *J. G. Thomson*, de Clydebank; *Armstrong Mitchel & C.ª*, de Newcastle; *The Tames iron Works*, de Londres; *Palmers*, de Liverpool; *Laid*, de Birkenhead; *R. Napier and sous*, de Glasgow; *Tarles*, de Hull; *Société des ateliers mecaniques*, de Trieste; *J. Elder and C.e*, de Glasgow; *Samada*, de Londres; *Société de construction navale*, de Kiel. Não sabemos ainda a quem foi adjudicada a construcção,

---

noite. Nem de tanto tempo carecia para desempenhar-me da missão de que me incumbiste.

— Arranjaste então o molde das chaves...

—Tudo está prompto á primeira voz. Mais ainda, preveni Ondina de que breve a iria buscar para a levar para a tua companhia, isto mesmo na presença do lavrador.

— E ella?

— Pediu-me que não a fizesse esperar muito. Coitada, não faz senão fallar em ti. E o lavrador riu-se muito da minha idéa, e a cada palavra de Ondina tocava-me no hombro, como provocando-me a que a disfructasse.

O *Frade* respondeu satisfeito:

— Optimo. Pois agora dá signal á nossa gente, porque preciso de vocês esta noite.

Immediatamente o *Trovão* soltou tres assobios, seguidos de um trinado especial, que foi correspondido pouco depois a distancia, lá do fundo d'aquelles abysmos, repercutindo-se pela extensão dos espaços, até ir perder-se nas profundidades reconditas do despenhadeiro.

Momentos depois acharam-se alli reunidos os quatro companheiros da noite.

— A caminho, ordenou-lhes o *Frade.*

Dirigiram-se então para o Casal do Bravo.

Rodeiaram a pequena muralha que defendia o pateo, abriram uma pequena porta que dava para as officinas da lavoura, atravessaram dois enormes casarões de ladrilho, e ao chegarem ao ultimo casarão, que tinha uma janella praticavel para a horta, o *Frade* voltou se para elles, dizendo-lhes:

— Alto.

Depois apontou para uma pequena abertura que havia no tecto e continuou:

— O caminho é por alli, e a fuga, em qualquer circumstancia, é por aquella janella. O primeiro que chegar defende-a até que o ultimo de nós todos esteja salvo.

Assim foi assente.

Os cinco homens, com o auxilio de uma escada de mão, conseguiram passar ao pavimento superior, e, arrastando-se cautelosamente, encaminharam-se dois d'elles, dirigidos pelo *Trovão*, para o quarto do lavrador, e os restantes, que eram o *Frade* e o *Mata-Judeus*, para a casa contigua, onde ficava Ondina.

Estes ultimos, sem que lhe dessem signal, conservar-se-iam na espectativa, promptos á primeira voz.

Esperaram alguns segundos apenas.

O *Trovão* tinha calculado tudo optimamente.

O lavrador e a mulher, só depois de amarrados e amordaçados, é que dispertaram, mas já lhes era impossivel oppôr qualquer resistencia ou chamar os criados.

Seguros por este lado, o *Trovão* deu o signal convencionado e o *Frade* entrou nos aposentos de Ondina.

Victima ainda dos delirios da febre, a cigana, mal o reconheceu, soltou um grito que podia compromettel-os, se o lavrador e a mulher não estivessem a bom recato.

O *Frade* avançou para ella, impondo-lhe silencio e dizendo-lhe baixinho ao ouvido:

—Venho buscar-te, queres vir comigo?

— Quero, respondeu ella, quero ir comtigo; porque não vieste ha mais tempo?

Não era logar proprio para explicações.

Os quatro companheiros já se encontravam alli reunidos.

Ondina ergueu-se e encarou-os com uma alegria sincera, que nada tinha da expressão caracteristica da loucura.

Desatou n'um choro convulso e afflictivo como se tivesse bem a consciencia do horror que devia inspirar, principalmente a quem, como aquelles homens, tão de perto a conheceram, e tapou o rosto com ambas as mãos, a fim de occultar as terriveis mutilações que o desfiguravam.

Não havia portanto um momento a perder.

Em presença da perplexidade dos companheiros, o *Frade* desenvolveu toda a sua energia.

— Vamos, disse elle, é preciso levar d'aqui esta mulher.

As difficuldades começaram então.

Ondina queria despedir-se do lavrador e da mulher.

Chamava-os em altos brados afflictos.

Estes gritos produziram, como era de suppôr, um alboroto alarmante na casa!

O *Frade* considerou-se perdido.

— Ponham-lhe a mordaça, gritava elle, e levem-n'a d'aqui a todo o custo.

A este tempo os criados, que ficavam no pavimento inferior, corriam já em direcção do quarto da cigana.

Não havia um momento a perder.

E emquanto o *Frade* e o *Trovão* conduziam Ondina, os tres restantes companheiros postavam-se á entrada do corredor, a fim de lhes proteger a retirada.

O *Mata-Judeus* estava no seu elemento.

O primeiro que lhe caiu debaixo das mãos, ficou, soltando apenas um grito de desespero.

Acudiram os demais.

Mas n'esse momento já o *Frade* estava fóra do casal e montava a cavallo, conduzindo Ondina nos braços.

O *Trovão* ficára para auxiliar os companheiros na lucta que ia travar-se.

(Continúa) *Leite Bastos.*

o que podemos dizer é que por falta de quem fabrique engenhos de destruição, não deixará de se destruir a humanidade.

Preço de um beijo. Em uma audiencia do tribunal de Marylebone, Inglaterra, foi condemnado, ha pouco tempo, a seis semanas de trabalhos publicos, um homem chamado Eduardo Cane. O crime que mereceu aquella punição, foi o de elle em uma rua publica, onde se achava, agarrar Carlote Burdze, que por alli passava, em quem deu um abraço e um beijo, contra vontade d'ella. Ao proferir a sentença, disse o honrado magistrado, que presidia ao tribunal: É indispensavel que os caminhos publicos, sejam protegidos de maneira, que as mulheres honestas possam transitar por elles, sem receio de serem abraçados por homens brutaes. Ainda ha pouco se deu no nosso paiz um caso muito mais grave; veremos o que decidem os tribunaes.

Nome predestinado. Uma senhora que se chama *Margarida de Chaves*, instituiu e dotou ultimamente em Villa Real um asylo para entrevados. Aquelle nome da illustre michaelense que no seculo XVI e XVII honrou o seu sexo, e que nos ultimos tempos com tanto lustre foi sustentado, por outra sua patricia e parente, rescendeu agora no norte do nosso paiz um novo perfume de caridade. Bemdito nome, abençoadas senhoras!

Ilhas Carolinas. O incidente politico e diplomatico travado entre as duas nações, Hespanha e Allemanha, por causa da posse d'aquellas ilhas, descobertas as primeiras pelos portuguezes, e as restantes pelos hespanhoes, que ahi se estabeleceram, foi submettido á decisão do papa Leão XIII o qual já communicou o texto da sua resolução aos dois governos. N'elle reconhece o papa os direitos historicos da Hespanha sobre aquellas ilhas mas concede á Allemanha e á Inglaterra faculdade de poderem alli estabelecer depositos, para abastecimento das suas esquadras. Dizem alguns periodicos que a Hespanha não lucrou nada com a decisão. Quasi nos acontece o mesmo por cá.

Musica por telephone. Esta maravilha da sciencia moderna, que ha tempo anda relatada nos jornaes extrangeiros, fazendo crescer a agua na bocca aos lisboetas, deixou de ser uma esperança que lhes sorria de longe, para se tornar uma realidade não visivel nem palpavel, mas auditiva, como tivemos occasião de apreciar, accedendo a um amavel convite da *Edison Gower Bell Telephone Company of Europe*. Cantava-se em S. Carlos a opera *Guilherme Tell*, e nós podemos ouvil-a em uma casa da rua Larga de S. Roque, n'um gabinete da estação central dos telephones, sentados em uma cadeira, em frente de uma meza, sobre a qual se achavam quatro pequenas caixas de madeira, quadradas, e adaptadas a estas uns bocaes metalicos a cada um dos quaes se achavam ligados dois tubos de fio metalico enroscado e revestidos interiormente por um tecido de algodão; estes tubos terminavam por um bocal de madeira em forma circular. Tomamos nas mãos dois d'elles que applicamos aos nossos ouvidos, e então podemos ouvir distinctamente a musica do *Guilherme Tell* que se executava em S. Carlos, os applaûsos que os espectadores dispensavam a essa execução, e sem se vêr, apreciava-se ainda assim, o movimento dos artistas em scena, pelo affastamento ou approximação da voz ou o lado d'onde cantava. A musica atravez do telephone é, pois, um facto consumado em Lisboa, e quem quizer ouvir em sua casa as operas que se cantam em S. Carlos, não tem mais que entender-se com a empreza dos telephones, e por uma quantia relativamente modica, poderá gosar as vantagens d'este maravilhoso invento, que lhe leva para casa a musica encanada, com uma regularidade que a companhia das aguas não consegue atravez dos seus canos e siphões.

A Servia e a Bulgaria. No nosso n.º 247, informámos os nossos leitores, da nova phase em que se podia envolver a chamada questão do Oriente, pela revolução da Rumelia, e acclamação do principe Alexandre da Bulgaria. A Servia mobilisou o seu exercito, e approximou-se das fronteiras bulgaras. Ahi promoveu varios conflictos que attribuiu a estes, para ter um pretexto de romper as hostilidades, o que fez ha dias, fazendo a sua declaração de guerra e avançando por dois pontos, tendo já tomado algumas povoações e alguns prisioneiros. As tropas bulgaras retiraram e concentram-se em Slivnitza, onde esperam os servios. Por ora tem entrado em campanha as tropas bulgaras, as que chegam da Rumelia mostram-se muito enthusiasmadas, e diz-se que dentro em pouco estarão cem mil homens em armas; já o deviam estar, e não deviam ter deixado os servios passar a fronteira, agora resta impedir-lhes a marcha e cortar-lhes a rectaguarda. O principe Alexandre na sua proclamação excita os bulgaros e rumelistas a defenderem a patria, a liberdade e as familias, e lamenta que um estado irmão, a Servia, em vez de se unir com os seus irmãos para o bem da sua raça, combata aquelles que nenhum mal lhe querem, favorecendo assim os estranhos. O principe Alexandre, pediu ao sultão, que este como suzerano, intervenha contra a Servia, e o sultão parece que responde que é o tratado de Berlim quem anima esta. No entanto a conferencia de Constantinopla, que tem protrahido as suas sessões, adrede ou por não poder fazer outra coisa, tem adoptado resoluções que parece só hoje (quinta feira 19) serão assentes, mas já se diz que será o sultão quem intimará o principe Alexandre a abandonar a Rumelia. Não obstante o procedimento da Servia, a conferencia não julgou dever dissolver-se ou suspender as suas sessões.

ANTIGUIDADES DO ALGARVE — Mosaicos de Ossonoba (Segundo desenho do sr. Estacio da Veiga)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do Povo e das Escolas. David Corazzi, editor. Empreza Horas Romanticas. — Administração: 40, Rua da Atalaya, 52. Lisboa. Filial no Brazil: 38, Rua da Quitanda. Rio de Janeiro.—É o n.º 116 e trata-se n'elle da *Arte dramatica*. Este livrinho que se pode chamar o complemento do outro n.º 77 a *Arte no theatro*, trata propriamente da maneira de representar. Feita uma rapida analyse do que se passou e passa nos diversos paizes, entra o auctor verdadeiramente no assumpto, tratado com concizão em todas as suas partes. Dando-nos a designação, em parte afrancezada, dos diversos papeis, esqueceu-se o auctor de nos dar a anterior, para poderem ser entendidas as alusões que a ella se faz ainda até quasi meiado d'este seculo, o que nos parecia muito conveniente em um opusculo para derramamento da instrucção.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira. Publicou-se o fasciculo ou folha 5 do 2.º vol., continuando a materia do antecedente. São muito curiosas as pautas da eleição, como as anteriores, e os mais documentos que se referem não só ao governo intruzo dos Filippes, como ao estabelecimento e sustentamento do tribunal da inquisição, e a outros assumptos, já particulares da cidade, já relativos ao geral do reino.

Resultados praticos *obtidos com o emprego do adubo especial para a vinha*, preparado na fabrica da Povoa de Santa Iria, da Companhia Real Promotora da Agricultura Portugueza, com a sua séde em Lisboa, Aterro da Boa Vista, ala do poente do Mercado 24 de Julho. Officina typographica da Empreza Litteraria de Lisboa; folha de 24 paginas, sem anno de impressão, mas devendo ter sido impresso no corrente anno, em vista da declaração assignada pela Companhia e datada de 10 de outubro ultimo, que se encontra na primeira pagina. — Depois dos soffrimentos por que tem passado a vinha, e nos ultimos tempos tão destruida pelo phylloxera, é importante e util a todos os viticultores a publicação dos resultados obtidos com um adubo facil e economico, que contraria os effeitos do mal, robustecendo as vinhas, uma das maiores riquezas do paiz. Lêam os viticultores o opusculo e aproveitem-se do remedio.

Melhoramentos de Lisboa. *Engrandecimento da Avenida da Liberdade*, pelo sr. Miguel Carlos Correia Paes. Lisboa, 1885. Typ. Universal, rua dos Calafates, 110. — Parecendo ao illustre engenheiro que aquelle grande melhoramento devia ser engrandecido, propõe que em vez da Avenida da Liberdade terminar na rotunda de Valle de Pereiro, onde aliás já se lançou a pedra fundamental do monumento ao Marquez de Pombal, com as solemnidades do estylo e em dia solemnissimo, estando já o respectivo auto archivado na Torre do Tombo, se prolongue até á circumvalação da cidade em linha recta, para o que se devem supprimir as duas ruas projectadas, uma por detraz, e ao poente da de S. Sebastião da Pedreira, e a outra desde o quartel de Valle de Pereiro á Penitenciaria. Era effectivamente bonito o prolongamento da Avenida com quasi meia legoa de extensão, tem porém um inconveniente; se não é commodo para todos, subir 900 metros a 0,038 por cento, é altamente incommodo e prejudicial para gente e gado subir 2.500 metros com a inclinação uniforme de 0,06 por cento. O sr. Paes parece ter tomado esse limite, marcado pela lei, como uma facilidade que se deve usar amplamente, e não como um maximo que se deve evitar, e só se poderá seguir em casos muito excepcionaes, e impossiveis de modificação. É este o modo de entender a lei. Por outro lado, se, estando-se no antigo Passeio, e olhando-se para a estatua do Marquez de Pombal, apenas se lhe verá a cabeça; ha um meio muito simples de remediar esse inconveniente, é levantar a estatua sobre um pedestal mais alto, e todos ganharão. O que podemos affirmar é que a estatua, collocada a 2.500 metros, parecerá um gato de gesso, ou pouco mais. E insurgimo-nos contra a lembrança da suppressão da rotunda. São poucas as praças vastas e regulares em Lisboa, nem a maioria dos largos (alguns chamados impropriamente praças) são regulares, e por isso entendemos e pedimos que, a prolongar-se a Avenida, como o sr. Paes indica, não só se conserve a rotunda, mas se abra mais uma ou duas praças, vastas e regulares, até ao seu extremo. Dar-se-ha assim muito mais grandeza e pujança á cidade, e dotar-se-ha com boas praças de que muito carece. A Avenida nunca pode supprir as duas ruas que o sr. Paes diz se supprimam. Ainda que tal se fizesse, mais cedo ou mais tarde, a necessidade que fez cortar em ruas o terreno de Valle de Pereiro e o de Arroios, ha-de impor essa obrigação aos terrenos que demoram, entre o caminho de Entre-muros e a rua de S. Sebastião da Pedreira. Nós proporiamos a continuação da Avenida, a abertura das duas ruas, e a ligação das tres por meio de ruas transversaes, todas amplas. Se se podessem modificar as coisas de forma que a inclinação indicada pelo sr. Paes fosse diminuida, subscreviamos sem reserva, ao projecto do nosso amigo e collaborador, ainda que não nos agrade muito, que a Avenida da Liberdade vá terminar junto á negação d'esta, a Penitenciaria.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.